
De cidades provisórias a centros humanitários de acolhimentos: a mudança narrativa sobre o destino dos migrantes climáticos do Rio Grande do Sul¹

Eduardo RITTER²
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

Historicamente, as pessoas migram pelos mais variados motivos. Neste artigo, é feita uma análise narrativa sobre o tratamento dado pelo site do maior conglomerado midiático do Rio Grande do Sul, o GZH, aos locais de acolhimento dos migrantes climáticos do estado após as inundações ocorridas no final de abril e em maio de 2024. Percebe-se que, mesmo tendo trocado o termo "cidades provisórias" por "centro humanitário de acolhimento" em 18 dias, os 11 textos jornalísticos publicados no período demonstram um processo de aprendizado por parte dos jornalistas para abordar temas como processos migratórios e mudanças geográficas em áreas urbanas.

PALAVRAS-CHAVE: migração; narrativa; jornalismo humanizado; geografia; mudanças climáticas.

INTRODUÇÃO

Levaram-se milhares de anos para a formação do mapa geográfico global contemporâneo. Assim como aconteceu ininterruptamente ao longo dos milênios, guerras ainda são travadas, territórios são desenhados e redesenhados, povos se deslocam em busca da sobrevivência ou de melhores condições de vida. Os movimentos migratórios sempre marcaram a história da humanidade e, a partir do surgimento de nações politicamente organizadas, o acesso a outros países passou a ser controlado. Entretanto, no universo de pessoas que se deslocam por necessidade há, conforme o Pacto Global para Migração (OIM³), os chamados migrantes climáticos, que precisam mudar de moradia provisoriamente ou permanentemente devido a um desastre natural súbito ou a um processo gradual de degradação ambiental. Tais deslocamentos não implicam necessariamente em mudança de país.

Na literatura, muitos dos personagens do jornalista, escritor e filósofo franco-argelino Albert Camus se caracterizam por se sentirem estrangeiros dentro de seu

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), email: rittergaucho@gmail.com.

³ Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/pacto-global-para-uma-migracao-segura-ordenada-e-regular>. Acesso em: 30 mai. 2024.

próprio país. É o caso de Mersault, protagonista de "O Estrangeiro". Passeando pela cidade onde mora, ele observa tudo como se não pertencesse a ela: "O dia mudou um pouco. Por cima dos telhados o céu tornou-se avermelhado, e com o cair da noite as ruas se animaram. Os que tinham saído a passeio foram voltando pouco a pouco" (CAMUS, 2022, p.31). Durante a narrativa, o personagem é apresentado como um estrangeiro dentro de seu próprio país, sem saber exatamente qual é o seu lugar no mundo. "Talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos – após a Expulsão do Paraíso, digamos – o que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* – literalmente, 'não estamos em casa'" (HALL, 2009, p.26).

Deslocado pode ser a palavra certa para descrever qualquer pessoa que migra, especialmente os migrantes climáticos, que passam por um deslocamento forçado. Foi o que aconteceu com milhares de pessoas afetadas pelas inundações que atingiram o estado do Rio Grande do Sul a partir do final de abril de 2024. Obrigados a deixarem suas casas, muitos tiveram que buscar refúgio em abrigos. Diante de tal situação, o jornalismo praticado no estado se deparou com novos desafios: como cobrir um intenso fluxo migratório, mesmo que dentro da mesma região geográfica? Buscando entender de que forma a imprensa do estado atingido pela tragédia passou a tratar tal temática, o presente artigo faz uma análise crítica narrativa, baseada nas perspectivas de Motta (2013), da cobertura feita pelo site do maior conglomerado midiático do Rio Grande do Sul, o GZH, sobre a criação de centros humanitários de acolhimentos. O objetivo é verificar se houve uma evolução na cobertura com o passar do tempo a partir da perspectiva dos movimentos migratórios, considerando conceitos teóricos da prática jornalística.

No artigo completo, inicialmente são feitas reflexões sobre movimentos migratórios a partir de autores como Hall (2009), Sayad (1998), Bauman (2017), dentre outros. Posteriormente são apresentados alguns princípios do jornalismo para a classificação dos textos de GZH, tais como gêneros e fontes jornalísticas. Em um terceiro momento é abordada a análise crítica narrativa de Motta (2013), bem como é feita a contextualização das inundações e é apresentado o *site* GZH. Por fim, é feita a análise e são expostas as considerações finais sobre os resultados. Para este resumo expandido, entretanto, no próximo item é apresentada uma síntese da análise e resultados e breves inferências sobre o estudo realizado.

A MUDANÇA NARRATIVA NA COBERTURA SOBRE O DESTINO DOS MIGRANTES CLIMÁTICOS DO RIO GRANDE DO SUL

Para a realização da análise crítica narrativa dos textos do *site* GZH sobre os centros de acolhimento publicados foi selecionado o período entre o dia 13 e 30 de maio de 2024. Tal recorte se deve porque no dia 13 houve a primeira menção a criação do que inicialmente foi chamado de “cidades provisórias”. Durante os 18 dias, até que aparecesse o termo “centros humanitários de acolhimento”, outros termos foram utilizados para denominar o espaço destinado provisoriamente para as pessoas que ficaram sem ter para onde ir após as inundações que atingiram o Rio Grande do Sul a partir do final de abril de 2024. Vale ressaltar que, no artigo completo, é feita a contextualização cronológica da tragédia. Essas mudanças já demonstram uma alteração na abordagem da temática, indicando um processo de aprendizagem por parte dos jornalistas na forma de tratar esses locais.

Para fazer a análise crítica narrativa, levaram-se em conta as premissas de Motta (2013), que orienta a colocar ordem nas diversas publicações sobre um mesmo tema, pois há intervalo entre os dias de cada postagem. “O analista junta as pontas, encontra os conectivos e encadeamentos narrativos, os antecedentes e consequentes, recompõe a serialidade, a sequência e a continuidade da intriga, como o leitor faz corriqueiramente” (MOTA, 2013, p.97). Para tanto, foi reordenada temporalmente a história, conforme fica caro na tabela abaixo, que apresenta a data, o título do texto jornalístico, o gênero em que se enquadra, o autor e as fontes ouvidas pelo jornalista.

TABELA 1

DATA	TÍTULO	GÊNERO/ AUTOR	FONTES
13/05	Cidade provisória no Porto Seco é o plano da prefeitura, que busca dinheiro da União	Notícia/ Jocimar Farina	Secretário municipal de Comunicação da Prefeitura de Porto Alegre, Luiz Otávio Prates.
15/05	RS terá quatro cidades provisórias com barracas para desabrigados	Notícia/Joci mar Farina e Kelly Mattos	Vice-governador do Rio Grande do Sul, Gabriel Souza
17/05	Governo do Estado planeja construção de quatro cidades provisórias para receber desabrigados	Notícia/ Rosane de Oliveira	Vice-governador do Rio Grande do Sul, Gabriel Souza

20/05	Estádio Olímpico pode virar cidade provisória	Notícia/ Jocimar Farina	Prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo; e vice-governador, Gabriel Souza
21/05	O novo papel do Estádio Olímpico em Porto Alegre	Coluna de opinião/ Pedro Ernesto Denardin	Não cita fontes
21/05	Grêmios não vão ceder estádio Olímpico como cidade provisória	Notícia/ Jocimar Farina	Presidente do Grêmios, Alerto Guerra.
24/05	Cidades provisórias: o que se sabe sobre a criação, a gestão e a duração das estruturas que devem ser criadas na Região Metropolitana	Reportagem/ Marcelo Gonzatto	Ministro de Apoio à Reconstrução do Estado, Paulo Pimenta; vice-governador, Gabriel Souza; chefe do escritório da Acnur em São Paulo, Maria Beatriz Nogueira; Organização Internacional para as Migrações (OIM); Copresidente da seção gaúcha do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RS), urbanista Clarice de Oliveira; integrante do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Estado (CAU-RS) Marcelo Arioli Heck; e professor de Direito Internacional da Unicamp; Luís Renato Vedovato.
24/05	Moradias provisórias: lições de outros locais e situações	Reportagem/ Fernanda Polo	Seção de Abrigo e Assentamento da Agência da Acnur; artigo publicado na revista científica Saúde em Debate; Operação Acolhida (exercito brasileiro); Nour Belmkaddem, especialista em captação de recursos e comunicação da ONG Better Shelter; Copresidente da seção gaúcha do Instituto de Arquitetos do Brasil, urbanista Clarice de Oliveira; e integrante do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Estado (CAU-RS) Marcelo Arioli Heck.
27/05	Como serão as casas de transição para quem hoje está nos abrigos provisórios	Coluna de opinião/ Rosane de Oliveira	Vice-governador, Gabriel Souza.
28/05	Com desmobilização, redução no número de abrigos em Porto Alegre preocupa a prefeitura	Reportagem/ Yasmin Girardi	coordenador da Central de Abrigos e secretário municipal de Inovação, Luiz Carlos Pinto; especialista em investimento e coordenador do abrigo do Colégio Mãe de Deus, Juliano Garcia; presidente da

			Associação Aliadas, Ali Klemt; coordenador do abrigo abrigo da Escola Aurélio Reis, Mateus Filipe de Souza; e pastor da Igreja Brasa Zona Norte, Ricardo Glavam..
30/05	"Duas semanas para termos o primeiro centro humanitário de acolhimento inaugurado", diz vice-governador do RS	Notícia/Sem assinatura	Vice-governador, Gabriel Souza

Observando a tabela, é possível observar a mudança nos termos utilizados para abordar o espaço. Nos sete primeiros textos, aparece o termo “cidades provisórias”. No oitavo, uma reportagem mais aprofundada, a expressão é trocada por “moradias provisórias”. Nos títulos seguintes aparecem “casas de transição” e “abrigos”, até finalmente ser adotado o termo “centro humanitário de acolhimento”. Independentemente da autoria dos textos, essas mudanças no termo demonstram que, no início da cobertura, optou-se por termos mais corriqueiros e utilizados pelas fontes oficiais, no entanto, após ouvir especialistas em migração, foram feitas as adaptações, tentando tornar a abordagem mais humanizada.

Aliás, as fontes ouvidas também demonstram uma mudança de postura. Nos quatro primeiros textos são ouvidos apenas representantes oficiais do governo do estado do Rio Grande do Sul e da prefeitura de Porto Alegre. “As fontes oficiais são sempre as mais tendenciosas. Têm interesses a preservar, informações a esconder e beneficiam-se da própria lógica do poder que as colocam na clássica condição de *Instituição*” (PENA, 2007, p.62). Posteriormente, especialistas em processos migratórios e instituições que trabalham com tais movimentos, como o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, também conhecido como Agência da ONU para Refugiados, a Acnur.

Relacionadas as questões apresentadas anteriormente (nomenclaturas e fontes) outros dois aspectos foram negligenciados nos primeiros textos publicados por GZH após o anúncio das fontes oficiais de destinar um espaço provisório para as pessoas que ficaram sem abrigo 1) a problematização da nova geografia da cidade e a alteração da logística urbana; e 2) as pessoas que estão em abrigos provisórios cedidos por instituições não foram ouvidas em nenhum dos 11 textos publicados. Sobre o primeiro item, a narrativa apresentou de forma excessiva as versões oficiais, sem questionamentos mais complexos. Acerca do segundo, não foram ouvidos os principais

interessados na temática: as pessoas que vão morar nesses centros. “Não há complexificação, e sim um olhar e posicionamentos binários que excluem não só a reflexão da prática sobre as dinâmicas sociais, mas também a própria composição dessas dinâmicas” (MORAES, 2022, p.62), ou seja, mesmo havendo uma tímida evolução através de um, a mudança na forma de tratar os centros de acolhimento não se refletiu nos textos jornalísticos publicados, conforme aprofundado no artigo completo.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Arrastados** – os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil. Rio de Janeiro: Intrínica, 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BARTHES, Roland. et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Rio de Janeiro: Record, 2022.

FRANDOLOSO, Luis Fernando. **O fâneur e as ruas**. Curitiba: Appris, 2017.

HALL, Stuart. **Da diáspora** – identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

KRENAK, Ailton. **Ideias para o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020.

MELO, Marques de; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos** – teoria e práxis. Blumenau: EdUFurb, 2012.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: UNB, 2013.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2007.

SÁ Martino, Luís Mauro. **Métodos de pesquisa em comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2018.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer** – como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. **Tópicos em jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2021.